

## BRINCAR NA ESCOLA: ESPAÇO, DIREITO E PATRIMÔNIO<sup>1</sup>

WÜRDIG, Rogério Costa<sup>1</sup>; FRANCO, Daiane Santim<sup>2</sup>, SCHUBERT, Gisele Álvaro Ney<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Professor Dr. da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel); <sup>2</sup> Mestranda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense – Campus Pelotas (IFSUL); <sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel).

### Introdução

Este trabalho discute a primeira e a segunda fase do Projeto de Extensão “Brincando na Escola” da Faculdade de Educação/UFPel desenvolvida entre agosto de 2013 a dezembro de 2014, em duas escolas públicas estaduais de Pelotas, uma de ensino fundamental completo, outra de ensino fundamental incompleto, uma terceira escola, também em Pelotas, de caráter assistencial e uma quarta de educação infantil localizada no município de Capão do Leão. Participaram deste trabalho 33 estudantes do curso de Pedagogia/UFPel, 1 estudante do curso de Educação Física/UFPel e cerca de 230 crianças, bem como as professoras responsáveis, coordenadoras e direção.

O projeto foi solicitado pelas equipes diretivas que buscavam “resolver” ou “amenizar” os tensionamentos presente no recreio escolar. Alegavam, num primeiro momento, que as crianças “não sabiam brincar”, “brigavam muito” e “só corriam pela escola”. Além disso, questionavam se as crianças estariam desaprendendo de brincar. Frente a essa demanda e considerando que o recreio é um momento transmissão da cultura infantil (DELALANDE, 2005) onde as crianças podem ficar soltas, conversar, descansar, fazer amigos, acertar contas e brincar muito num curto espaço de tempo (WÜRDIG, 2007), optamos por desenvolver o referido projeto num tempo maior, com uma turma de cada vez, durante o período das aulas, num momento diferenciado do recreio.

Dessa forma, procuramos garantir, preservar e ampliar a cultura lúdica<sup>2</sup> e, ao mesmo, qualificar a formação inicial das pedagogas através do exercício de uma docência brincante, isto é, onde a brincadeira seria ponto de partida e de chegada de cada aula. Objetivamos ainda mais especificamente, analisar e compreender o brincar na educação infantil e nos anos iniciais, planejar e desenvolver atividades lúdicas, considerando as experiências das crianças ocorridas dentro e fora

<sup>1</sup> O presente artigo tem origem no Projeto de Extensão Brincando na Escola.

<sup>2</sup> Cultura lúdica a partir dos estudos de Brougère (1997, 2002, 2004) e da pesquisa desenvolvida por Würdig (2007, p. 122) está sendo entendida como “o repertório de brincadeiras, incluindo brinquedos, suas histórias e fantasias e traquinagens criadas, aprendidas, repassadas, adaptadas e transformadas entre as crianças mais velhas e mais novas, entre os meninos e as meninas, num determinado lugar, num determinado contexto histórico-social”.

contexto escolar, dialogar com as crianças e com as professoras acerca do significado do brincar, bem como repensar dos espaços e tempos destinados ao brincar. A primeira etapa do projeto foi encerrada em fevereiro de 2014 e segunda etapa em dezembro de 2014.

No segundo semestre de 2014, o projeto vinculou-se ao ensino através da disciplina optativa “Práticas Complementares ao Ensino Fundamental: Brincadeiras na Escola”, ofertada pelo curso de Pedagogia (FaE/UFPel). O projeto manteve como objetivo geral preservar e ampliar a cultura lúdica infantil. Contudo, temos enfrentado problemas com o espaço físico destinado às atividades lúdicas nas escolas. De maneira geral, mostra-se reduzido, árido, sem manutenção, inadequado para baixas e altas temperaturas, sem cobertura, sem arborização, desprovido de equipamentos e com precário sistema de escoação da água. É um espaço que não favorece o encontro das crianças e reduz as possibilidades de brincadeiras. Revela-se bem distante de um espaço lúdico “[...] aquele em que é possível brincar com um alto nível de interatividade. Um espaço em que os objetos e as instalações – os brinquedos – já de início, suscitam na criança um forte interesse em serem tocados, manipulados, escalados, percorridos, etc.” Um espaço que instigue a curiosidade, a busca, o desvendamento, a tentativa e a experimentação (GARCIA, 1994, p.22).

A importância do brincar está garantida legalmente na Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959) “todas as crianças têm direito [...] à educação e ao *lazer infantil*” (ONU, 1959, p.3) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) “O direito à liberdade compreende” dentre outros “[...] *brincar*, praticar esportes e divertir-se;” (BRASIL, 1990, p.41). Além disso, o brincar tem sido priorizado em diferentes ordenamentos legais. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física (BRASIL, 1997) o brincar está contemplado nos objetivos, conteúdos e metodologia; no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) está presente na aprendizagem, no conteúdo e nas orientações gerais para o professor e, por fim, no Ensino fundamental de nove anos - Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade (BEUCHAMP; PAGEL; NASCIMENTO, 2007), está contemplado com uma das temáticas centrais.

Redin (2003, p.63) enfatiza que “[...] as determinações legais são claras e amplas: o direito ao brincar é um dos direitos da cidadania, entre outros. Todos importantes! O brincar, por seu lado, vem acompanhado dos direitos à cultura, à arte, ao esporte e ao lazer”. Outro argumento que torna o brincar imprescindível na vida das crianças é de que dá prazer, é gostoso, traz felicidade. Brincar contribui para “[...] a formação do ser realmente humano” (MARCELINO, 1990, p.72).

Perroti (1990) argumenta que os grupos de brincadeira possibilitam que as crianças humanizem-se de forma menos rígida daquela determinada pelos adultos e constituam um rico

convívio social. Silva (2003, p.217-227), enfatiza que o tempo para as brincadeiras “[...] é fundamental em qualquer infância, em qualquer cultura, em qualquer nacionalidade” e que o brincar configura-se “[...] como direito inalienável e próprio de toda criança”. Kramer (2003, p.105) explica que a valorização da infância implica em “[...] defender e garantir a humanidade, a tolerância, o respeito pelo outro e suas diferenças, a capacidade de rir e brincar”.

Diante de argumentos tão contundentes como justificar reduzido e precário espaço destinado ao brincar nas escolas?

## **Metodologia**

Acreditando que a professora pode ter um papel importante nas brincadeiras ao combinar observação, participação e proposição nas diferentes atividades lúdicas (CERISARA, 2002; BORBA, 2007), dirigimo-nos, inicialmente, ao pátio da escola, durante o recreio, para observar os jeitos e formas das crianças brincarem. Além das brincadeiras, percebemos brigas e muita correria. Conversamos, também, com as crianças para identificarmos o acervo lúdico preferido, tanto na escola como em casa. Do contato com as professoras responsáveis pelas turmas, fomos informados sobre o material, sobre a frequência (presença e/ou ausência) de brincadeiras nas rotinas e de algumas dificuldades de relacionamento entre as crianças. Definimos, neste mesmo contato, os dias e horários em que seriam realizadas as atividades lúdicas nas escolas. As atividades foram realizadas pelas acadêmicas (duplas/trios), uma vez por semana, num tempo que variava entre 45 e 60 minutos. Ao final de cada aula conversávamos com as crianças para saber qual brincadeira tinham gostado mais, esta seria a primeira brincadeira a ser realizada no próximo encontro.

O planejamento contemplava as preferências das crianças e as sugestões das acadêmicas, garantindo diversos tipos de brincadeiras (FRIEDMANN, 1996). Em média eram realizadas entre cinco e seis brincadeiras por aula. As crianças no decorrer das aulas estavam sempre dispostas a brincar, mas algumas se mostravam “agressivas” para com os colegas e, por isso, tiveram que “reaprender” a brincar ou brincar de outra forma. As dificuldades encontradas não impediram que a experiência fosse repleta de aprendizagens e de um sentimento que parecia esquecido: “como é bom brincar”.

Ao longo do semestre e durante de orientações na universidade são registradas as avaliações das acadêmicas (orais), bem como compartilhados os ensaios escritos que retratam situações pontuais ocorridas durante as brincadeiras com as crianças. Na medida em que as acadêmicas se apropriam de uma docência brincante e conseguem resolver (no todo ou em parte) os impasses e

tensionamentos surgidos na relação com as crianças e com a estrutura da escola, faz-se necessário sistematizar num único documento, isto é, num relatório, toda a experiência lúdica adquirida. Assim, os resultados e discussão presentes neste trabalho decorrem, fundamentalmente, da análise dos relatórios produzidos pelas acadêmicas e das fichas de avaliação preenchidas pelas escolas.

## **Resultados e Discussões**

Com relação aos resultados, percebemos que as crianças solucionavam os conflitos com diálogo, brincavam na escola sem brigas e brincavam em casa com os amigos, irmãos e primos com as brincadeiras que aprenderam no Projeto. A importância do brincar foi amplamente vivenciada, aprofundada e referenciada ao longo do projeto, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento como direito de todas as crianças e como patrimônio da humanidade que precisa ser garantido e preservado.

É possível traçar um panorama, ainda que breve, dos espaços destinados ao brincar nas escolas. Embora seja visível a precariedade, a falta de manutenção e a redução desses espaços, ainda é possível transformá-los, ou melhor, reocupá-los de tal forma que os limites estruturais não impeçam que as brincadeiras aconteçam.

Acreditamos que o primeiro passo é sempre ocupar - o pátio, a quadra, a praça, o corredor, o refeitório, a sala de aula - o maior tempo possível, de forma a garantir o direito de brincar na escola. Defendemos que “a hora de brincar” é legal, traz alegria, aproxima as crianças, estreita os laços, revela conflitos e preconceitos e, fundamentalmente, produz e amplia a cultura lúdica infantil. Brincar não é moeda de troca nem uma forma de disciplinar as crianças, pelo contrário, é uma possibilidade de humanização, de troca de saberes lúdicos, saberes que as crianças são portadoras e perpetuam entre elas e com os adultos disponíveis e atentos as suas culturas. Brincar não se opõe as demais atividades escolares, pelo contrário, está no mesmo patamar de importância. As crianças enquanto sujeitos ativos participam e interferem na escola e na sociedade. Reconhecer e compreender seus pontos de vistas acerca do mundo e de suas culturas é apostar numa convivência democrática entre as diferentes gerações.

Contudo, é urgente que os gestores das escolas e as professoras repensem os espaços destinados às crianças, tanto os espaços de circulação (corredores, entrada e saída...) como os espaços pedagógicos (sala de aula, biblioteca, pátio, quadra, o campo, a praça...). Não é mais possível pensar numa escola que confina as crianças, pelo contrário, é imprescindível que a instituição escolar acolha, favoreça e garanta a produção das culturas infantis. Objetivamos que “a

hora do brincar” não se reduza a uma única vez por semana, mas que seja diária e inserida na prática pedagógica da professora.

São inúmeras as dificuldades enfrentadas pelas acadêmicas para, inicialmente, interagirem com as crianças nos espaços abertos com a intenção de brincar. São adultos que, até tempo atrás, brincaram (muito ou pouco) e que propõem brincadeiras tanto conhecidas como “estranhas”. O choque entre os repertórios de brincadeiras, jeitos de brincar, regras, condução, estratégias e disputas é bastante difícil e desafiador. É no pátio que afloram conflitos, preconceitos, disputas e até ações violentas. Este espaço abre inúmeras possibilidades de encontros e desencontros e, contraditoriamente, provoca certo estranhamento, já que além do recreio, raríssimas vezes as crianças tem acesso ao espaço destinado na escola para brincar.

## **Conclusão**

A Universidade precisa investir em projeto de extensão que atendam às demandas oriundas da comunidade, especialmente das escolas públicas. Apesar de todo o esforço, ainda foi difícil aproximar estudantes universitários, equipe diretiva e professoras responsáveis pelas turmas. Além disso, é necessário ampliar os estudos e pesquisas acerca do brincar na vida das crianças. O projeto pode contribuir com a valorização e garantia de tempo e espaço para as crianças brincarem dentro e fora da escola, com a formação lúdica das acadêmicas e com a qualificação da prática pedagógica das professoras.

Acreditamos que principal inovação do projeto está em brincar na escola. Nossa preocupação é garantir o direito de brincar e, assim, preservar e ampliar a cultura lúdica. Em tempos de adultização da infância e de consumo desenfreado de brinquedos e jogos eletrônicos que, em muitas situações, dificultam os encontros entre crianças, insistimos que as brincadeiras, patrimônio cultural da humanidade, podem ser incorporadas ao cotidiano escolar. Apostamos numa formação inicial de professores mais ampla, aberta e atenta as novas configurações das infâncias e referenciada nas culturas infantis. Não faltam argumentos que justifiquem a importância do brincar, mas talvez ainda seja necessário que os adultos, gestores ou não da educação, compreendam que “o lucro do brincar” está na alegria, na diversão, nas risadas, na aproximação e na humanização das crianças.

## **Referências**

- BEUCHAMP, J.; PAGEL, S.; NASCIMENTO, A. (orgs.) **Ensino Fundamental dos nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- BORBA, Angela. O brincar como um modo de ser no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia (orgs.) **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: ME – SEB, 2007.
- BRASIL. Lei 8.069 (1990). **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF. Acessado em: 11 junho. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm).
- \_\_\_\_\_. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MED/SEF, 1998, v. 1, 2 e 3.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.
- CERIZARA, Ana Beatriz. De como Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. In: KISHIMOTO, Tizuko (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.
- DELALANDE, Julie. A sociedade infantil não é completamente autônoma. La société enfantine n'est pas complètement autonome. (Entrevista). 2005. Disponível em: <http://www.snuipp.fr>. Acesso em 07.jul.2014.
- FRIDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.
- GARCIA, E. Ação cultural, espaços lúdicos e brinquedos interativos. In: SESC/SP. **As crianças e o espaço lúdico**. São Paulo: SESC/SP, 1994.
- KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BASÍLIO, L. ; KRAMER, S. (org.). **Infância, educação e direitos humanos**. Campinas: Papyrus, 1997, cap.4, p.83-106.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. Campinas: Papyrus, 1990.
- ONU. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças**. Acessado em 11 junho de 2014. Disponível em <<http://http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>>.
- PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: Zilberman, Regina (org.) **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- REDIN, E. **O Espaço e o tempo da criança: se der tempo, a gente brinca!** Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SILVA, Maurício Roberto da. **A trama doce-amarga (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. Ijuí: Editora Unijuí, São Paulo: Hucitec, 2003.
- WÜRDIG, Rogério Costa. O quebra-cabeça da cultura lúdica – lugares, parcerias e brincadeiras de criança: desafios para políticas da infância. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, São Leopoldo.